

# FRANCISCO

# ESPERANÇA

A AUTOBIOGRAFIA



 nascente

«Retos e sinceros, aquilo que são, transparece: cabeças quadradas, pulso firme e fígado são, falam pouco, mas sabem o que dizem, mesmo que caminhem devagar, vão longe.»

NINO COSTA

«O futuro entra em nós, para transformar-se em nós, muito antes de acontecer.»

RAINER MARIA RILKE

«Se tivesse o dom de falar todas as línguas deste mundo e até a linguagem dos anjos, mas se não tivesse amor pelos outros, seria como um sino que ressoa.»

PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

## ÍNDICE

<i>Introdução</i> — Tudo nasce para florir .....	9
Prólogo .....	11
1. Que a língua se me prenda ao palato .....	17
2. Vivi demasiado tempo com quem detesta a paz .....	27
3. Os dons de uma inquietude são .....	47
4. Quase no fim do mundo .....	59
5. <i>Se somos muitos, tanto melhor</i> .....	71
6. Como uma corda tensa .....	89
7. Jogava no globo terrestre .....	101
8. A vida é a arte do encontro .....	111
9. O dia passava como uma flecha .....	121
10. Reconheceram-se ao longe .....	131
11. Como o ramo da amendoeira .....	139
12. Devoram o meu povo como se fosse pão .....	147
13. Ninguém se salva sozinho .....	163
14. Ressoar com as vibrações mais profundas .....	177
15. A única maneira de nos tornarmos plenamente humanos .....	189
16. Como um menino nos braços da mãe .....	201
17. Porque te recordas disso e te envergonhas .....	221

18. Todos fora e todos dentro.....	237
19. Caminhando por trincheiras obscuras.....	251
20. O teu bastão e a tua vara dão-me segurança.....	265
21. O escândalo da paz.....	281
22. De mãos dadas com uma menina irreduzível.....	295
23. À imagem de um Deus que sorri.....	307
24. Pois os dias melhores ainda estão para vir.....	319
25. Eu sou apenas um passo.....	339
<i>Pequena nota do coautor</i> .....	349
<i>Fontes</i> .....	353
<i>Créditos fotográficos</i> .....	357
<i>Créditos bibliográficos</i> .....	358

## INTRODUÇÃO

### *Tudo nasce para florir*

O livro da minha vida é o relato de um caminho de esperança que não posso imaginar separado do da minha família, da minha gente, de todo o povo de Deus. É também, em cada página, em cada passo, o livro de quem caminhou junto de mim, de quem nos precedeu, de quem nos seguirá.

Uma autobiografia não é a nossa literatura privada, é mais o nosso saco de viagem. E a memória não é apenas o que recordamos, mas o que nos circunda. Não fala unicamente do que foi, mas do que será. A memória é um presente que nunca acaba de passar, diz um poeta mexicano.

Parece que foi ontem, mas afinal é amanhã.

Costuma dizer-se «aguarda e espera» — de tal modo que no vocabulário espanhol a palavra *esperar* tanto significa esperar como aguardar —, mas a esperança é sobretudo a virtude do movimento e o motor da mudança: é a tensão que une memória e utopia para construir realmente os sonhos que nos aguardam. E se um sonho enfraquece, é necessário voltar a sonhá-lo, sob novas formas, consultando com esperança as brasas da memória.

Nós, cristãos, devemos saber que a esperança não ilude nem desilude: tudo nasce para florir numa eterna primavera.

No final, diremos apenas: não recordo nada em que Tu não estejas.

## PRÓLOGO

*Contaram que se ouviu um abalo tremendo, como um terremoto. Toda a viagem havia sido acompanhada por vibrações fortes e ameaçadoras, e «a inclinação era tal que de manhã não conseguiam apoiar a chávena com o café com leite, porque se teria derramado», mas aquilo era outra coisa: assemelhava-se mais a uma explosão, como uma bomba. Os passageiros saíram dos salões e das cabines e dirigiram-se às pontes para procurar perceber o que estava a acontecer. Era fim de tarde, e o navio rumava às costas do Brasil, na direção de Porto Seguro. Não era uma bomba: era mais um estrondo surdo. O barco a vapor continuava o seu caminho, mas o seu curso havia enlouquecido, como um cavalo à desfilada, ora guinava perigosamente, ora afrouxava. Um homem, depois de ter permanecido agarrado a um madeiro no oceano, teria testemunhado depois que vira com clareza desprender-se a hélice e a cambota do motor da esquerda. Completamente. A hélice, contaram, rasgara o navio com uma ferida profunda: a água entrava copiosamente, alagando a sala das máquinas, e, em breve, invadiria mesmo o porão, dado que também as portas à prova de água, segundo parecia, não funcionavam devidamente.*

*Contaram que alguém tentara reparar a falha com painéis de metal. Inutilmente.*

*Contaram que os músicos da orquestra receberam a ordem para continuarem a tocar. Sem parar.*

*O navio continuava a inclinar-se cada vez mais, a escuridão aumentava, o mar encrespava-se.*

*Quando se tornou evidente que as primeiras garantias aos passageiros já não eram suficientes, o comandante deu ordem para parar as máquinas, fez soar a sirene de alarme, e os radiotelegrafistas lançaram o primeiro SOS.*

*O sinal de socorro foi captado por várias embarcações, dois barcos a vapor e até alguns transatlânticos, que se encontravam nas imediações. Acorreram de imediato, mas foram todos obrigados a parar a uma certa distância, pois a vistosa coluna de fumo branco fazia temer uma desastrosa explosão das caldeiras.*

*Da ponte, com o seu megafone, o comandante procurava cada vez mais desesperadamente convidar à calma e coordenava as operações de socorro, dando prioridade a mulheres e crianças. Porém, quando chegou a noite, uma noite escuríssima de lua nova, o fornecimento de energia elétrica teve de ser interrompido e a situação precipitou-se totalmente.*

*Foram descidas as lanchas de salvamento, mas a inclinação do navio era já terrível: muitas caíram a pique batendo no navio, outras revelaram-se ruinosas e inúteis, metiam água, que os passageiros eram obrigados a vazar utilizando os chapéus. Outras ainda, ao serem tomadas de assalto, viraram-se ou afundaram-se devido à sobrecarga. Muitos, artesãos e camponeses dos vales e das planícies, nunca antes haviam visto o mar e não sabiam nadar. Preces e gritos misturavam-se.*

*Foi o pânico. Muitos passageiros caíram ou lançaram-se ao mar, afogando-se. Alguns, segundo disseram, foram vencidos pelo desespero. Outros ainda, como referiu a imprensa local, foram devorados vivos pelos tubarões.*

*Naquele pandemónio eram incontáveis as zaragatas, mas também os gestos de coragem e abnegação. Após ter socorrido dezenas de pessoas, um jovem a quem fora atribuído um colete de salvação*

esperava a sua vez para se lançar à água. Foi então que viu um velho que não sabia nadar e não encontrara lugar em nenhum barco: pedia ajuda. O rapaz fê-lo vestir o seu colete de salvação, lançou-se ao mar juntamente com ele e procurou chegar à lancha mais próxima. Nadou furiosamente quando vozes cada vez mais alteradas se ergueram das ondas: tubarões! Os tubarões! Foi atacado. De uma lancha, um companheiro seu conseguiu içá-lo a bordo, mas as feridas eram devastadoras. Morreu pouco depois.

Quando a sua história foi contada pelos sobreviventes, a Argentina ficou comovida. No seu país natal, na província de Entre Ríos, uma escola recebeu o nome do rapaz. Era filho de um migrante do Piemonte e de uma mulher argentina, e acabara de fazer vinte e um anos: chamava-se Anacleto Bernardi. Muito antes da meia-noite, o navio foi completamente invadido pela água, ergueu-se verticalmente de proa e, com um último gemido fragoroso, quase animalesco, afundou-se a pique, a mais de mil e quatrocentos metros de profundidade.

Diversos testemunhos concordaram em afirmar que o comandante permaneceu a bordo até ao fim, fazendo os restantes músicos da orquestra tocar a «Marcha Real». O seu corpo nunca foi encontrado. O certo é que pouco antes de o navio a vapor se afundar no abismo foram ouvidos muitos tiros de armas de fogo, disparados, segundo disseram, pelos oficiais que, depois de terem feito o que era possível pelos passageiros, haviam decidido que não iriam enfrentar o suplício do afogamento.

Algumas lanchas conseguiram alcançar os navios próximos e, juntamente com as provenientes das outras embarcações que acorreram, ajudaram a pôr a salvo várias centenas de pessoas.

A recuperação dos poucos sobreviventes que tentavam permanecer à superfície como podiam prosseguiu noite dentro. Quando, antes da alvorada, outros barcos a vapor brasileiros chegaram ao local da tragédia, já não encontraram nenhum sobrevivente.

Aquele navio, com um comprimento de quase 150 metros, que havia sido, no início do século, o orgulho da marinha mercante,

o mais prestigiado transatlântico da frota italiana, havia transportado personagens como Arturo Toscanini, Luigi Pirandello ou Carlos Gardel, uma lenda do tango argentino. Porém, esses tempos já lá iam. Pelo meio, tinha havido uma guerra mundial, e a usura, a incúria e a escassa manutenção haviam feito o resto. O navio era então mais conhecido como a «balaina», a bailarina, pelas incertas condições gerais. Quando partiu para a sua derradeira viagem, perante a perplexidade do seu próprio comandante, contava a bordo mais de 1200 passageiros, predominantemente migrantes piemonteses, lígures e venezianos. Porém, também das regiões das Marcas, de Basilicata e da Calábria.

Segundo os dados fornecidos pelas autoridades italianas da época, no desastre morreram pouco mais de trezentas pessoas, em grande parte membros da tripulação, disse-se então; porém, os jornais sul-americanos referiram um número muito mais alto, mais do dobro, incluindo também clandestinos, várias dezenas de emigrantes sírios e os trabalhadores agrícolas que iam dos campos italianos para a América do Sul, passar o inverno.

Minimizado ou ocultado pelos órgãos do regime, aquele naufrágio foi o Titanic italiano.

Não sei dizer quantas vezes ouvi contar a história daquele navio que tinha o nome da filha do rei Vítor Emanuel III, também destinada a uma morte trágica, no *lager*\* de Buchenwald, alguns anos depois, perto do final de outra guerra tremenda. O *Principessa Mafalda*. Contavam aquela história em família.

Narravam-na no bairro.

Cantavam-na as canções populares dos migrantes, de um lado ao outro do oceano: «De Itália, *Mafalda* partira com mais de um milhar de passageiros [...] Pais e mães abraçavam os seus filhos que desapareciam entre as ondas.»

---

\* Termo alemão para campo de concentração. [N. T.]

Os meus avós e o seu único filho, Mario, o jovem que viria a ser meu pai, haviam comprado o bilhete para aquela longa travessia, para aquele navio que zarpou do porto de Génova a 11 de outubro de 1927, com destino a Buenos Aires.

Porém, não o apanharam.

Embora tivessem tentado, não haviam conseguido vender a tempo aquilo que possuíam. No final, contra a sua vontade, os Bergoglio foram obrigados a trocar o bilhete, a adiar a partida para a Argentina.

Por isso estou aqui agora.

Não imaginam quantas vezes me encontrei a agradecer à Providência Divina.

# 1

## *Que a língua se me prenda ao palato*



Partiram, finalmente.

Os avós conseguiram vender os seus poucos bens, na zona rural do Piemonte, e dirigiram-se ao porto de Génova para zarpar no *Giulio Cesare*, com um bilhete apenas de ida.

Esperaram que se completassem as operações de embarque dos passageiros de primeira classe, e que chegasse finalmente a vez da terceira, a deles. Mal o navio chegou a mar aberto e também as luzes do farol, a velha Lanterna, desapareceram no horizonte, souberam que nunca mais veriam Itália e que deveriam recomeçar a sua existência do outro lado do mundo.

Era o dia 1 de fevereiro de 1929. Um dos invernos mais frios que o século conheceria: em Turim, o termómetro descerá aos 15 graus negativos e noutras partes do país aos -25. Foi aquilo que Federico Fellini contaria num dos seus filmes como «O ano do nevão». Toda a Europa fora coberta por um pesado manto de neve, desde os montes Urales às costas do Mediterrâneo, até a cúpula de São Pedro ficara amplamente esbranquiçada.

No termo das duas semanas de navegação, depois de ter feito escala em Villefranche-sur-Mer, Barcelona, Rio de Janeiro, Santos e Montevidéu, quando o navio a vapor chegou finalmente ao porto de Buenos Aires, a minha avó Rosa, não obstante o calor húmido que chegou aos 30 graus, ainda envergava o belo casaco comprido com que partira. Tal como era costume, enfeitara-o com uma gola de pele de raposa e ali, num forro interno, entre o couro e a seda, cosera todos os seus haveres, todos os seus bens. Continuou a vesti-lo, como se fosse um uniforme, mesmo depois de terem desembarcado, enquanto seguiam para o interior, subindo, ofegantes, o rio Paraná, ao longo de mais cinquenta quilómetros, até chegarem à sua meta. Apenas então, a *luchadora*, «a lutadora», como acabariam por lhe chamar, decidiu que podia baixar a guarda.

No porto de chegada, foram os três registados como *migrantes ultramar*. O avô Giovanni, que após ter sido camponês conseguira abrir uma cafetaria e pastelaria, foi indicado como *comercio* (comerciante), a sua mulher Rosa como *casera* (doméstica) e o seu filho Mario, o meu pai, que com grande satisfação dos pais conseguira formar-se em Contabilidade, como *contador* (contabilista).

Uma multidão havia partilhado com eles aquela longa viagem de esperança. Teriam sido milhões e milhões a partir de Itália para «La Merica» no decurso de um século inteiro, para os Estados Unidos, o Brasil e, sobretudo, para a Argentina. Na direção de Buenos Aires foram muito mais de duzentos mil, apenas nos últimos quatro anos que precederam aquele 1929.

A recordação do terrível naufrágio do *Mafalda* era uma ferida ainda fresca e de facto nada isolada, desde o final do século precedente. Eram os anos da «minha mãe, dá-me cem liras que quero ir para a América» — a canção de gerações de migrantes e que significativamente terminava com um desastre naval —, anos em que a emigração sazonal também foi particularmente intensa. Partiam de Génova no outono,

quando a colheita havia terminado em Itália, e iam fazer uma segunda no hemisfério austral, onde então o verão começava. Muitas vezes, regressavam a casa na primavera, com poucas centenas de liras, a maior parte das quais acabava nos bolsos dos organizadores e dos intermediários. Pagas essas despesas e a viagem, muitas vezes, restavam apenas algumas dezenas de liras como compensação de quatro ou cinco meses de trabalho.

A morte durante a travessia era também uma companhia indesejada e não pouco frequente. Pereceram cinquenta de fome e privações a bordo dos navios *Matteo Bruzzo* e *Carlo Raggio* que, em 1888, zarparam de Génova para o Brasil. Cerca de vinte por asfixia no *Frisca*. Em 1893, após terem embarcado no *Remo*, os migrantes perceberam que haviam vendido o dobro dos bilhetes em relação aos lugares disponíveis, de tal modo que a cólera explodiu a bordo. Os mortos foram lançados ao mar. O número de passageiros diminuía todos os dias em várias unidades. E, no final, o navio nem sequer foi aceite no porto. Depois, ocorreu o naufrágio do *Sirio*, durante o qual quinhentos migrantes italianos que se dirigiam a Buenos Aires perderam a vida. Nos cantos populares, nas colinas do Piemonte, tal como nas teclas dos acordeões nos bairros, a história daquelas tragédias fundia-se e misturava-se, o *Sirio* tornava-se o *Mafalda* e vice-versa; novas palavras adaptavam-se à mesma música melancólica.

Mesmo assim, partia-se. Sobretudo por pobreza, por vezes por raiva, para mudar a sorte, fugir à tragédia de uma guerra mundial, tanto à Primeira como à Segunda, que se anunciava, escapar às incorporações ou, depois de se ter visto a morte diante do rosto, constituir família, não sofrer mais os suplícios, procurar melhores condições de vida. Não é uma história nova, é tanto de ontem como de hoje. «Não me podia acontecer nada pior do que aquilo. No máximo, terei de passar fome lá, tal como sofri em casa. Estou certo?», dizia um emigrante



O Sirio, o Frisca e o Mafalda:  
aquelas tragédias fundiam-se e misturavam-se.

em *Sull'Oceano* [No Oceano], de Edmondo De Amicis, mais um piemontês, autor do livro *Coração*.

Quem emigrava enfrentava geralmente todo o género de dificuldades e sacrifícios para embarcar. Quase sempre, depois de ter sido persuadido por agentes e subagentes da imigração. Passavam nas aldeias durante as feiras, falavam da América como uma nova «terra prometida», uma terra de maravilhas. Pagos pela companhia de emigração por cada família que conseguiram convencer a abandonar as suas terras, estes agentes foram mesmo comparados, pela imprensa, a comerciantes de escravos. Aldeias e regiões eram inundadas por opúsculos e cartas falsas daqueles que já haviam saltado para a outra parte do mundo. Havia quem jurasse que um camponês que ficou inapto

para o trabalho na América poderia contar com uma generosa pensão, que garantiria um fácil acesso à propriedade da terra.

Para quem partia, o primeiro desafio era chegar ao porto. Vendiam-se os poucos haveres para pagar os recrutadores, geralmente ávidos e com poucos escrúpulos, que em mais de uma ocasião, pelo menos até que uma nova lei tentou pôr um pouco de ordem na questão, desapareciam com o dinheiro.

O caminho para chegar ao porto era uma peregrinação privada, por vezes familiar, por outras envolvendo verdadeiramente comunidades inteiras: caminhavam tal como numa procissão, todos juntos, ao som dos sinos que, por vezes, levavam depois consigo nos barcos. Muitas vezes, chegavam vários dias antes do embarque e acampavam no cais.

Alguns nunca chegaram à terra ansiada, pois o oceano rejeitou-os e engoliu-os.

Porém, os muitíssimos que o fizeram e desembarcaram em Buenos Aires depararam-se depois com uma realidade áspera e dura como uma bofetada, a do Hotel de Imigrantes: um enorme barracão onde, após terem sido visitados, registados e desinfetados, podiam permanecer não mais de cinco dias, o tempo máximo para encontrar um trabalho na cidade ou nos campos. Assim relatou, no início do século xx, um grande enviado do jornal italiano *Corriere della Sera*: «Nestes últimos três dias, chegaram três mil e oitocentos emigrados, em grande parte nossos compatriotas. O Hotel dos Imigrantes está repleto. [...] Este (e chamam-lhe hotel!) surge naquela planície indefinível, lamacenta, que se situa entre o turvo e tempestuoso rio da Prata e a cidade. [...] O odor acre do ácido fénico não consegue vencer o mau cheiro nauseante que vem do pavimento viscoso e sujo, que exala das velhas paredes de madeira, que é soprado através das portas abertas; um odor de humanidade amontoada, de miséria [...] Mais acima, as mesas guardam sinais mais vivos desta dolorosa passagem: direi, os vestígios das almas. São nomes, frases de amor,

imprecações, recordações, obscenidades raspadas no verniz ou escritas com lápis, por vezes talhadas na madeira. O desenho mais repetido é o navio.»

Não é certamente um acaso aquele desenho que olha para trás, aquela nostalgia. «Que a língua se me prenda ao palato, se deixar cair a recordação de ti», dizem no salmo os exilados, pensando de novo em Jerusalém (*Sal* 136). E também os Magos exprimem no fundo o mesmo sentimento: têm nostalgia de Deus; é a atitude que rompe os conformismos e nos impele a empenharmo-nos pela mudança que ansiamos e de que temos necessidade. A nostalgia é um sentimento sã, a nostalgia das próprias raízes, pois um povo sem raízes está perdido, e uma pessoa sem raízes está doente. É delas que se retira a força para seguir em frente, para dar frutos, para florir; tal como diz um poeta argentino, Francisco Luis Bernárdez, «*por lo que el árbol tiene de florido vive de lo que tiene sepultado*». Tudo o que na árvore é florido vive do que jaz soterrado.

Aquelas descrições de outrora, aqueles sinais, aquelas inscrições, remetem para hoje, para outros portos, para outros mares.

Os meus foram mais afortunados. Chegaram a Buenos Aires chamados pelos irmãos do meu avô, que estavam juntos na Argentina desde 1922 e tinham construído uma boa *sorte*: tinham começado como operários, a asfaltar estradas que iam do porto ao campo e, rapidamente, haviam criado uma empresa de pavimentação e alcatroamento, e as coisas haviam-lhes corrido bem. Após a identificação, não ficaram no Hotel dos Imigrantes e prosseguiram para a região de Entre Ríos, até ao Paraná, onde os meus tios-avós os esperavam com ansiedade. Habitavam numa casa de quatro pisos, Prédio Bergoglio, que eles próprios haviam construído, a primeira de toda a cidade a ter um ascensor. Cada irmão podia então habitar num dos quatro andares: Giovanni Lorenzo, Eugenio,

Ernesto e, agora também, o meu avô Giovanni Angelo. Apenas dois irmãos do avô iriam permanecer no Piemonte: Carlo, o primogénito, e Luisa, a única rapariga, que ao casar tomou o nome Martinengo. Tanto quanto possível, a família reunira-se finalmente e era sobretudo por isso que os meus pais haviam partido.

O meu pai, que era um jovem contabilista, trabalharia como administrador. Porém, não foi durante muito tempo. A crise mundial de 1929, a grande depressão, estava a alargar a sua espiral. Entretanto, o presidente da empresa, um dos meus tios-avôs, Giovanni (João) Lorenzo, adoecera com leucemia e linfossarcoma e morrera, deixando uma viúva, Elisa, e três filhos. O aperto conjunto da recessão e daquele luto familiar esmagou-os, depressa levando a um resultado fatal. Em 1932, tiveram de vender tudo: as máquinas, a empresa, a casa, até a capela do cemitério. Ficaram sem nada e caíram na pobreza. Com uma mão à frente e outra atrás, diziam eles.

Teriam de começar novamente do zero e fizeram-no. Com a mesma determinação da primeira vez.

Porém, obviamente, nem o meu avô, o meu pai e a minha avó, que desafiara a canícula, envolvida no seu casaco comprido de lã, sabiam de nenhuma destas coisas quando puseram, pela primeira vez, o pé em terras da Argentina naquela quente manhã de fevereiro.

Tal como não o sabiam milhares, milhões de mulheres e homens que os haviam precedido e os seguiriam naquela mesma rota. Eram artesãos, lenhadores, operários da construção civil, mineiros, enfermeiros, ferreiros, carpinteiros, sapateiros, alfaiates, padeiros, mecânicos, vidreiros, caiadores, cozinheiros, domésticos, sorveteiros, barbeiros, mestres das pedreiras e dos mármore, comerciantes e contabilistas, e uma infinidade de camponeses e assalariados rurais. Levavam consigo a miséria, as tragédias, as feridas da sua condição, mas também a força, a coragem, a perseverança, a fé. E uma

série de talentos que, tal como na parábola do Evangelho de Mateus, esperavam uma oportunidade para poderem dar os seus frutos. Se ao menos lha tivessem dado, aquele bando de maltrapilhos teria construído algo de grande naquela outra parte do mundo e, de facto, geralmente é o que acontece. Gente livre e obstinada («*rassa nostrana libera e testarda*»), tal como num belo e pungente poema de Nino Costa, um dos melhores poetas piemonteses do tempo, que depois morreria de desgosto devido ao assassinio do seu filho, jovem resistente de dezanove anos, e que a avó Rosa me faria aprender de memória em criança, em dialeto. «Ó planícies louras de grão argentinas [...] nunca sentistes passar uma ária *monferrina*\* ou o refrão de uma canção de montanha?», diziam aqueles versos dedicados aos piemonteses que trabalharam fora de Itália. Por vezes, aqueles homens e aquelas mulheres regressavam, «e o dinheiro poupado rendia-lhes uma casinha ou um pedaço de terra, e então criam as suas filhas...». Outras, «uma febre ou uma desgraça de trabalho atiram-nos para uma sepultura rasa», perdida num cemitério estrangeiro. «*Un camp-sant foresté.*»

Também por isso, muitos anos depois, na minha primeira viagem de pontífice fora do Vaticano, senti que devia ir a Lampedusa, a minúscula ilha do Mediterrâneo que se tornou o posto avançado de esperança e solidariedade, mas também o símbolo das contradições e da tragédia das migrações e o cemitério marinho de demasiadas, demasiadas mortes. Quando poucas semanas antes soubera a notícia de um enésimo naufrágio, o pensamento regressara continuamente, como um espinho no coração que causa sofrimento. Não era uma viagem programada, mas devia ser. Também eu nascera numa família

---

\* Monferrina, dança popular piemontesa. [N. T.]

de migrantes, o meu pai, o meu avô, a minha avó, tal como tantos outros italianos, haviam partido para a Argentina e conhecido a sorte de quem fica sem nada. Também eu poderia ter estado entre os rejeitados de hoje, de tal modo que no meu coração reside sempre uma pergunta: porquê eles e não eu?

Tinha de ir a Lampedusa para rezar, para realizar um gesto de proximidade, para exprimir a minha gratidão e o meu encorajamento aos voluntários e às populações daquela pequena realidade que sabia oferecer exemplos de solidariedade concretos. E, sobretudo, para despertar as nossas consciências e apelar às nossas responsabilidades.

Na literatura espanhola, há uma comédia de Lope de Vega que narra o modo como os habitantes da cidade de Fuente Ovejuna matam o governador por ser um tirano, mas fazem-no de modo que não se saiba quem procedeu à execução. Assim, quando o juiz do rei pergunta «Quem matou o governador?», todos respondem: «Fuente Ovejuna, Senhor.» Todos e nenhum.

Também hoje aquela interrogação se impõe com força: «Quem é o responsável por este sangue?» «Ninguém!» Todos nós respondemos assim: «Eu não, eu não tenho nada com isso, serão outros, mas eu não.»

Face à globalização da indiferença, que nos torna todos «inominados», tal como aquele personagem do romance de Manzoni, responsáveis sem nome e sem rosto, esquecidos da nossa própria história e do nosso destino, face a um medo que arrisca enlouquecer-nos, reverbera sempre a pergunta de Deus a Caim: «Onde está o teu irmão? A voz do seu sangue ressoa até mim.»

## 2

### *Vivi demasiado tempo com quem detesta a paz*



Emigração e guerra são duas faces da mesma moeda. Como justamente se escreveu, a maior fábrica de migrantes é a guerra. De uma maneira ou de outra, porque também as mudanças climáticas e a pobreza são em grande parte o fruto doente de uma guerra surda que o homem declarou: a uma mais igualitária distribuição dos recursos, à natureza, ao seu próprio planeta.

Hoje em dia, o mundo surge-nos cada vez mais elitista e todos os dias mais cruel com os excluídos e os rejeitados. Os países em desenvolvimento continuam a ser depauperados dos seus melhores recursos naturais e humanos em benefício de uns poucos mercados privilegiados.

Enquanto o verdadeiro desenvolvimento é inclusivo, fecundo, projetado para o futuro e as futuras gerações, o falso desenvolvimento exclusivista torna os ricos mais ricos e os pobres mais pobres, sempre e por toda a parte. E aos pobres não se perdoa nada, nem mesmo a sua pobreza. Não podem permitir-se ser tímidos ou desencorajados, são vistos como ameaçadores e incapazes, não lhes é consentido ver o fundo do túnel da sua

miséria. Chegou-se mesmo a teorizar e realizar uma arquitetura hostil, de modo a desembaraçar-se da sua presença, da sua visão, mesmo nas ruas.

Podem ser construídos muros e barrar-se as entradas para se ter a ilusão de se sentir seguro em prejuízo daqueles que são deixados de fora. Porém, não será assim para sempre. O «dia do Senhor», tal como foi descrito pelos profetas (*Am* 5,18; *Is* 2-5; *Gl* 1-3), destruirá as barreiras criadas entre países e substituirá a arrogância de poucos pela solidariedade de muitos. A condição de marginalização a que são submetidos milhões de pessoas não poderá durar muito mais tempo. O seu grito aumenta e abraça toda a terra. Tal como escrevia Dom Primo Mazzolari, um dos grandes párocos de Itália, rosto profético, luminoso e «incómodo» de um clero não clerical: «O pobre é um protesto contínuo contra as nossas injustiças; o pobre é um paiol. Se lhe deitas fogo, o mundo salta.»

Não é possível eludir o apelo urgente que a Palavra de Deus faz aos pobres. Para onde quer que olhemos, a bússola da Sagrada Escritura indica quantos não têm o necessário para viver, os oprimidos, quem está prostrado no chão, o órfão, a viúva, o estrangeiro, o migrante. Com esta infundável fileira, Jesus não teve receio de identificar-se: «Tudo o que fizestes apenas a um destes meus irmãos, fizeste-lo a mim» (*Mt* 25,40). Não tens mais semelhantes, não no meu grupo, mas nos mais pequenos, famintos, sedentos, nus. Escapar a esta identificação equivale a adulterar a revelação, a mistificar o Evangelho, a fazer dele folclore e exibição, não presença. Pois não há um «antes» para os cristãos, mas sim «antes dos últimos». Os «últimos» que todos os dias gritam ao Senhor, pedindo para serem libertados dos males que os afligem. Os últimos das periferias existenciais das nossas cidades. Os últimos enganados e abandonados a morrer no deserto; os últimos torturados, abusados e violentados nos campos de detenção; os últimos que desafiam as ondas de um mar impiedoso.

As guerras contemporâneas dizem respeito a algumas regiões do mundo, mas as armas com que se combatem são produzidas noutras regiões, precisamente aquelas que depois recusam e repelem os refugiados que foram gerados por aquelas armas e por aqueles conflitos.

O que é a guerra, aprendi-o com o meu avô Giovanni, quando era criança. Foram os seus lábios que me contaram pela primeira vez aquelas histórias dolorosas. O avô havia feito a guerra no rio Piave.

Aos vinte anos, com um metro e sessenta e seis de altura, cabelos ondulados, olhos castanhos, havia sido considerado «inapto», por «insuficiência torácica», na inspeção militar: era junho de 1904. O rapaz ficou isento dos três anos de serviço militar e regressou a casa, na sua Portacomaro, e dois anos depois, no início de 1906, mudou-se para Turim, para trabalhar primeiro como empregado para todo o serviço na loja de tecidos do tio Carlo, um dos primeiros a dar o salto na região, encontrando depois emprego numa cafetaria. «Liquorista», dizia-se então. Uma história que se entrelaça inexoravelmente com a de muitos outros jovens da época, com o nascimento dos primeiros grandes centros industriais, com o abandono dos campos para procurar a emancipação e a redenção nas cidades, tentando fugir a um presente de dificuldades e privações.

Porém, todos os migrantes têm um lugar na alma, e para os Bergoglio esse lugar sempre foi a quinta de Portacomaro, com os seus declives íngremes e os bosques de aveleiras. Também por isso, em fevereiro de 2001, apenas poucas horas antes de ser nomeado cardeal de Buenos Aires por João Paulo II, subi pela última vez a estrada para Bricco Marmorito. Vi as colinas, as vinhas, a grande casa. Afundei as mãos naquela terra e recolhi um punhado. Fora ali que o meu avô nascera,

ali que morrera o seu pai Francesco, ali que estavam as nossas raízes.



Regressei já como papa a Portacomaro, para o nonagésimo aniversário da minha prima Carla, em sua casa. Com ela e o primo Elio comemos ravióis e bebemos *grignolino*\*, o vinho típico daquela região. De vez em quando, telefono-lhe, falamos em *piemontèis*, que foi a primeira língua que aprendi. Talvez Elio esteja no clube de *boccia*, e então tagarelo um pouco com todos. Ali continuei a ser Giorgio.

Porém, foi na cidade que Giovanni conheceu Rosa, a minha avó. Rosa Margherita Vassallo tinha os mesmos anos que ele e também ela era imigrada. Nascera perto do santuário del Todocco, em Piana Crixia, na província de Savona, na fronteira entre a Ligúria e o Piemonte, e chegara a Turim em criança, porque a família era numerosa: oitava de nove irmãos, foi confiada à tia materna Rosa, que era porteira de um prédio do centro com o marido Giuseppe, que era sapateiro. Não tinha sido uma decisão fácil de tomar para os seus pais, a mamã Angela e o papá Pietro, os meus bisavós. Pensaram e falaram longamente no assunto, inclusive com o pároco e a professora, e, por fim, sob o conselho de todos, tomaram uma resolução: aquela menina esperta, curiosa, inteligente, que mesmo com as dificuldades da vida parecia dotada para a escola, devia poder obter pelo menos um diploma do ensino primário, e um futuro melhor. Aos oito anos, Rosa enfrentara uma viagem com mais de 140 quilómetros, deixara o seu campo e chegara àquela grande cidade onde as ruas e as praças pareciam

---

\* Vinho tinto do Piemonte. [N. T.]

desmesuradas, as casas uniam-se umas às outras e a luz dos candeeiros parecia nunca se apagar, graças àquela invenção vinda de Paris que se chamava eletricidade, um prodígio que deslocava os carros sem necessidade de serem puxados por cavalos. Os tios não tinham tido filhos e tinham ambos perto de cinquenta anos: acolheram a pequena com alegria, como se fosse filha deles. A minha avó ficaria sempre muito afeiçãoada à sua tia Rosa, bem como, obviamente, aos pais e aos irmãos, e mesmo da outra parte do mundo continuaria a desenvolver e manter com todos eles relações, cartas, notícias, fotografias.

Na Turim do início do século xx, quando o meu avô a viu, era uma rapariga pequena, com os cabelos castanhos e os olhos grandes como o seu coração. Era costureira.

Os dois jovens enamoram-se e, no dia 20 de agosto de 1907, casam-se em Santa Teresa. Vão viver a dois passos daquela igreja e quando, um ano depois, a 2 de abril de 1908, nasce o seu primogénito, Mario Giuseppe Francesco, o meu pai, é ali que o batizam.

Quis ir rezar naquela pequena joia barroca que fora tão importante para os meus avós e para o meu pai, quando, em junho de 2015, fui em visita pastoral à exposição do Sudário. Dar um beijo àquela pia batismal foi como regressar a casa.

O avô Giovanni tinha então mulher e um filho pequeno.

Ele e a avó já haviam enfrentado com coragem muitos sofrimentos. Não significava isso que se tivesse livrado da eclosão do conflito mundial, na década seguinte. A besta da guerra exigia sempre carne nova, pelo que todos os reservistas do exército foram chamados. Tinha já trinta anos.

*«O comboio militar que parte de Turim  
para Milão não para mais  
mas vai direto ao Piave,  
cemitério da juventude.»*

Ao avô foi atribuído o número 15 543; o examinador descreveu-o como um homem de mandíbula redonda (como a minha) e nariz afilado, com a profissão de «dono de café». O seu tórax não mudara, mas desta vez não parecia representar um impedimento para o recrutamento. No início de julho de 1916, foi incluído no 78.º regimento de infantaria, estacionado em Casale Monferrato, e em novembro foi dali enviado para a linha da frente, no Piave e no Isonzo, na fronteira entre Itália e a Eslovénia, a norte de Gorizia, na zona do monte Sabotino. Precisamente naquele monte, com o 28.º de artilharia, Dom Mazzolari perdera havia pouco tempo o seu único irmão.

O avô permaneceu nas trincheiras muitos, muitos meses, no remoinho de batalhas cada vez mais duras.

Aprendi muitas coisas com os seus relatos. Até as canções irónicas contra os altos mandões do exército, e contra o rei e a rainha.

*O general Cadorna escreveu à rainha:  
«Se queres ver Trieste mando-ta em bilhete postal»  
Bom bom bom no ribombar do canhão.*

*O general Cadorna come bifes  
aos pobres soldados dão castanhas secas.*

*O general Cadorna come bebe dorme  
e o pobre soldado vai à guerra e não regressa.*

*O general Cadorna era carroceiro  
e como burro tinha Vítor Emanuel  
Bom bom bom no ribombar do canhão.*

Houve quem, tal como aconteceu a um cabo de licença, um jovem pedreiro que vinha dos vales de Bérgamo, tivesse sido

condenado a seis anos de reclusão militar, sob a acusação de derrotismo e insubordinação, por ter cantado algumas destas estrofes...

O avô contou-me o horror, o sofrimento, o medo, a absurda e alienante inutilidade da guerra. Mas também os episódios de confraternização entre as tropas inimigas, entre infantarias compostas em ambas as frentes por camponeses, operários, trabalhadores, gente humilde que trocava algumas palavras, com a linguagem dos gestos e da mímica, ou com aquele pouco que conseguia apanhar da língua do outro. Ou um pouco de tabaco, um pedaço de pão, algum mísero bem: inventavam-se, tanto quanto possível, pequenas tréguas para aliviar os suplícios e a alienação da vida na trincheira. Sempre em grande segredo, obviamente, às escondidas, pois os comandos podiam reagir a estes gestos de humanidade com extrema violência, inclusive com fuzilamentos e, em alguns casos, chegando mesmo a enviar artilharia contra as suas próprias tropas, as suas trincheiras, para evitar contactos entre soldados que, à medida que os meses e os anos passavam, compreendiam cada vez mais que os inimigos, vistos de perto, olhados nos olhos, não se assemelhavam àqueles monstros descritos pela propaganda bélica. Eram pobres como eles, com o mesmo olhar desfeito e apavorado, imersos na mesma lama, a sofrer idênticos sofrimentos. Precisamente com «o teu humor, mas com a farda de outra cor», recitam os versos de um cantor italiano.

O que deixa, no fim, uma guerra? Acima de tudo, a sua macabra contabilidade.

No final, apenas no regimento do avô, o 78.º, contaram-se 882 mortos, 1573 desaparecidos e 3846 feridos: os seus companheiros de armas, camaradas, amigos.

«Os comandos pareciam enlouquecidos», escreveria nas suas memórias outro soldado de infantaria do Piemonte, um

tenente enviado para a linha da frente do Isonzo com o 68.º: «Em frente! Não se pode! Que importa? Em frente na mesma. Era uma embriaguez. Aqueles que elaboravam as ordens expediam-nas de longe; e o espetáculo da infantaria que avançava, visto de binóculos, devia ser exaltante. Não estavam conosco os generais; nunca haviam visto arame farpado a não ser nas esquinas dos seus gabinetes.»

«As munições que nunca faltam são os homens», anotava de resto, com cínica brutalidade, o chefe do estado-maior, o general Cadorna. Entretanto, outro alto oficial referia dramaticamente ao governo: «No Isonzo morre-se em torrentes humanas.»

Em todo o conflito mundial, as vítimas foram milhões e milhões. Entre os soldados, metade dos mobilizados foi morta, gravemente ferida ou ficou desaparecida. E entre os civis e militares contaram-se pelo menos 15 milhões de cruzes, segundo as estimativas mais prudentes. Porém, aquele número pode ser mesmo quadruplicado, caso se considerem os efeitos da gripe espanhola, a epidemia que interpretou com a guerra uma trágica dança, como geralmente ainda hoje acontece nos conflitos.

No final, foi realmente uma imensa e «inútil carnificina», tal como denunciara o Papa Bento XV na sua amargurada carta aos chefes das nações beligerantes. «O suicídio de um continente», disse ele.

O avô salvou-se e, após ter estado agregado ao 9.º de Atiradores de Asti, deixou os campos de batalha; em dezembro de 1918, foi enviado de licença ilimitada e dispensado com um certificado de «boa conduta» e 200 liras a receber. Mais ou menos 300 euros de hoje: o prémio por não ser morto. Tinham passado três anos quando pôde finalmente juntar-se à família. «Vivi demasiado tempo com quem detesta a paz» (*Sal* 119,6). Tal como muitos outros avós de Itália e da Europa, regressaria à vida duas vezes: enquanto antigo combatente e sobrevivente

primeiro e enquanto testemunha depois, em benefício dos filhos e dos netos.

O que deixa a guerra para além disso? Injustiça que se junta a injustiça.

Ressoam na mente as palavras de Dom Lorenzo Milani, padre e professor, um grande e revolucionário educador, escritas juntamente com os seus alunos em 1965: «Por isso, agarrámos nos nossos livros e percorremos de novo cem anos de história italiana em busca de uma “guerra justa”. Se não a encontrámos, a culpa não é nossa [...] Quando nós e os nossos professores iam à escola, que Deus os perdoe, tinham-nos enganado baixamente. Alguns desgraçados acreditavam mesmo: tinham-nos enganado, pois eram também eles enganados. Outros sabiam que nos enganavam, mas tinham medo. A maioria talvez fosse apenas superficial. Segundo diziam, todas as guerras eram “pela Pátria”. Os nossos professores esqueciam-se de nos referir uma lapalissada, segundo a qual os exércitos marcham às ordens da classe dominante [...]. Não posso deixar de fazer notar aos meus rapazes que os seus infelizes pais sofreram e fizeram sofrer na guerra para defenderem os interesses de uma classe restrita (da qual nem sequer fazemos parte!), não os interesses da pátria. [...] Alguns acusam-me de ter faltado ao respeito aos caídos. Não é verdade. Tenho respeito por aquelas vítimas infelizes. Precisamente por isso me pareceria ofendê-los se louvasse quem os mandou morrer e se pôs a salvo. [...] De resto, o respeito pelos mortos não me pode fazer esquecer os meus filhos vivos. Não quero que eles tenham aquele trágico fim. Se um dia souberem oferecer a sua vida em sacrifício ficarei orgulhoso, mas que seja pela causa de Deus e dos pobres, não pelo senhor Saboia ou pelo senhor Krupp.»

Que mais deixa uma guerra? Habitualmente, os germes de um novo conflito, de outra violência, de outros erros e horrores.

Muitos historiadores observam que o regime nazi e o ultranacionalismo em diversas zonas europeias não são, de certo modo, senão um produto do conflito precedente. E, ainda hoje, a corrida aos armamentos, a extensão das zonas de influência, as políticas agressivas e violentas nunca trazem a estabilidade. Nunca. A guerra inteligente não existe: a guerra não sabe trazer outra coisa senão miséria, as armas, nada senão a morte. A guerra é estúpida. As pessoas quase sempre perceberam isto, as pessoas não são estúpidas. Albert Einstein: «Estimo tanto a humanidade que estou persuadido de que este fantasma maléfico teria desaparecido há muito tempo se o bom senso dos povos não fosse sistematicamente corrompido [...] pelos especuladores do mundo político e do mundo dos negócios.»

Ao meu avô Giovanni Angelo Bergoglio, filho de Francesco Giuseppe e Maria Bugnano, nascido a 13 de agosto de 1884 na localidade de Bricco Marmorito de Portacomaro Stazione, a guerra, a que combateu e a que já se adensava, deixou também um enraizado sentimento antimonárquico, que o acompanharia pelo resto da existência.

«Não é justo!», dizia. «Não é justo que o povo tenha de manter esta camarilha de parasitas preguiçosos e, ainda por cima, pague na pele os seus privilégios e culpas! Que vão trabalhar!» Recordo a sua felicidade quando, em junho de 1946, chegou a notícia da derrota da frente monárquica no referendo que proclamaria a República em Itália e no qual, pela primeira vez, votaram também as mulheres. Apenas em relação à princesa Mafalda, que a comunidade de antigos combatentes e expatriados chamava sarcasticamente *Malfait*, o seu vibrante ardor contra os Saboia parava: ela não, ela sofreu muito, pagou por todos, dizia ele.

Desde que emigrou para a outra parte do mundo, a sua mãe Maria, a minha bisavó, realizou duas vezes a longa travessia

desde Itália para o visitar a ele e aos irmãos. Era uma mulher muito boa. E, da segunda vez, ela, que nascera em 1862 em San Martino Alfieri, a poucos quilómetros de Asti, morreu na Argentina, na alvorada dos anos trinta. Foi na província de Santa Fé, pois os filhos estavam a asfaltar aquela parte da *Ruta*, a estrada nacional, e ali foi sepultada.

Durante anos, senti que alguma coisa me faltava, pois a devoção aos defuntos é um sentimento que sempre nos inculcaram na família, todos. Decorridos cinco anos da inumação, deveriam exumar-se os despojos, reduzidos e colocados numa caixa mais pequena, e recordo o amor e a dedicação com que a mamã realizava aquelas piedosas tarefas, limpando mesmo os ossos com álcool. Em suma, sentia que a bisavó faltava. Até que, cerca de vinte anos depois, consegui finalmente localizar a sua sepultura e transferei-la para o jazigo de família, junto aos filhos e ao resto dos parentes. Agora repousa, com a família do seu filho Eugenio, no cemitério inglês de José C. Paz. Por sua vez, no Jardim de Paz, com oitenta anos feitos, seria sepultado o seu filho Giovanni, meu avô. Faleceu quando eu ensinava em Santa Fé, no dia 30 de outubro de 1964, no hospital italiano, devido a um tumor nas vias biliares.

Se ouvira falar da Primeira Guerra Mundial através dos lábios do meu avô, a Segunda conheci-a em Buenos Aires através dos relatos de muitos migrantes que chegaram após aquela nova carnificina ou para fugir dela. Muitos, muitos, muitos... Milhões. Italianos, alemães, polacos... Muitos polacos foram como operários para a fábrica onde o meu pai encontraria trabalho. Foi ao ouvir aqueles homens e aquelas mulheres que nós, rapazes, percebemos o que sucedera, soubemos dos bombardeamentos, das perseguições, das deportações, dos campos de concentração e de detenção, compreendemos o que havia sido aquele novo e terrível conflito. Por isso, sei que é muito importante que os jovens conheçam os efeitos das duas guerras

mundiais do século passado: essa memória é um tesouro, doloroso, mas muito útil para criar consciências.

Um tesouro que fez mesmo crescer a arte italiana e europeia.

Os nossos pais levaram-nos a ver todos os filmes daquele período: Rossellini, De Sica, Visconti, os grandes do neorealismo. Nesse tempo, passavam três películas de seguida, a principal e duas menores, levávamos de casa uma sandes e passava-se o dia no cinema. Estou convencido de que o cinema italiano do pós-guerra, o neorealismo, é uma grande escola de humanismo. *A Culpa dos Pais*, com que De Sica antecipa aquela época, deveria ser mostrado nos cursos pré-matrimoniais ainda hoje, e eu falo deles nos casamentos que celebro. E há cenas de *Roma, Cidade Aberta* que recorro indelevelmente: Anna Magnani e Aldo Fabrizi foram os nossos professores. De luta também, de esperança, de sagesa. Cito muitas vezes uma frase que Magnani gostava de dizer ao maquilhador, no local de filmagem: «Deixa-me todas as rugas, não me tires nem uma. Demorei uma vida para as fazer aparecer.» Também ela sabia ser sábia, Nannarella.

E ainda havia Fellini. O meu Fellini de rapaz, gostei muitíssimo dele até *A Doce Vida*. E com *A Estrada*, que vi quando tinha dezoito anos, identifico-me inteiramente.

Numa cena principal, o jovem acrobata que representará a sua figura mais franciscana, o Louco, diz à desvairada trompetista Gelsomina, à qual Giulietta Masina dá vida:

«Talvez não acredites, mas tudo o que existe neste mundo serve para qualquer coisa. Por exemplo, apanha aquela pedra ali...»

«Qual?»

«Esta... Uma qualquer... Pois, também isto serve para qualquer coisa: também esta pedrinha.»

«E para que serve?»

«Serve... sei lá! Se soubesse, sabes quem seria?»

«Quem?»

«O Pai Eterno, que sabe tudo: quando nascês, quando morres. Não sei para que serve esta pedra, mas para alguma coisa deve servir. Pois se isto é inútil, então tudo é inútil: mesmo as estrelas. E tu também, tu também serves para alguma coisa, com a tua cabeça de alcachofra.»

Há São Francisco naquela cena. Há a pedra. Nós, pedrinhas pelo chão, e «a pedra que os construtores puseram de lado», mas que «se tornou pedra angular» (*Mt* 21, 42). E que dá um sentido a tudo, mesmo àquilo que não compreendemos. Há «procurar e encontrar Deus em todas as coisas», para usar as palavras da espiritualidade inaciana.

Sei bem que à época aqueles filmes, sobretudo *A Doce Vida*, foram atacados em alguns meios, mesmo clericais. Porém, todas as épocas têm as suas intolerâncias, que talvez se detenham diante de uma rapariga exuberante que se banha na fonte de Trevi.

Depois, há a substância, uma substância pedregosa, que escava em profundidade, típica da verdadeira arte.

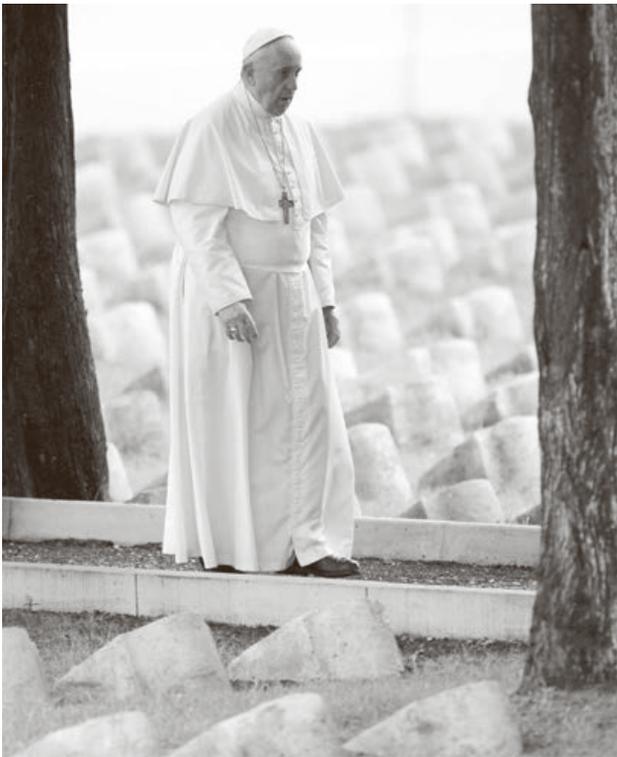
Pier Paolo Pasolini disse que aquele filme se aventurava na «relação entre o pecado e a inocência» e que estávamos perante um produto elevado e absoluto do catolicismo contemporâneo. O padre jesuíta Nazareno Taddei falou da «grande espiritualidade cristã». E outro jesuíta, o padre Virgilio Fantuzzi, que era amigo do realizador, escreveu que «todas as obras deste autor eram animadas pelo sopro misterioso de um Deus oculto».

De um modo ou de outro, os três tinham razão. Aqueles filmes são sobretudo tesouros de que devemos desfrutar. São pedagogia para hoje em dia.

E também a cinematografia argentina daqueles anos — penso em *Los isleros*, de Lucas Demare — era profundamente humana, parte integrante da cultura da família e também motivo para reflexões morais nas conversas quotidianas conosco

enquanto rapazes. O cinema argentino também era bom, do mais alto nível.

É importante que os jovens possam recuperar dos avós, dos pais e das mães aquela memória e aquela raiz, para que não fique no ar ou leve a cair em erros idênticos. Que conheçam, por exemplo, como nasce e cresce um populismo distorcido, a soberania que se entrincheira e isola: basta pensar nas eleições federais alemãs de 1932-1933 e em Adolf Hitler, o ex-soldado de infantaria obcecado pela derrota na Primeira Guerra Mundial e pela «pureza do sangue», que prometera o desenvolvimento da Alemanha após um governo que falhara. Sim, que os jovens saibam de que maneira começam os populismos.



Naquele dia, no Sacrário Militar de Redipuglia, chorei.

E como podem acabar. As promessas que se baseiam no medo, acima de tudo, o medo do outro, são a censura habitual dos populismos e o início das ditaduras e das guerras. Pois, para o outro, o outro és tu.

As palavras do meu avô Giovanni regressavam aos meus ouvidos e ao meu coração quando, em setembro de 2014, subi ao Santuário de Redipuglia, na província de Gorizia, o imenso cemitério da Grande Guerra que alberga os despojos de mais de 100 mil soldados italianos, 60 mil dos quais desconhecidos: havia-lhes sido roubado tudo, até o nome, até a possibilidade de os seus familiares e pais chorarem no seu túmulo. Pouco antes, havia estado em Fogliano, onde foram sepultados 15 mil soldados «inimigos», de cinco diferentes nacionalidades e apenas numa ínfima parte identificados.

Acabara de contemplar a pungente beleza da paisagem de toda aquela zona, homens e mulheres que trabalham e fazem progredir a sua família, crianças que brincam, idosos que sonham... e agora estava a caminhar no meio de milhares e milhares de sepulturas, todas iguais. Lápides de homens jovens. Assim, enquanto celebrava a missa naquele local, juntamente com os bispos e as centenas de sacerdotes provenientes de todos os países envolvidos no conflito de 14-18 que se haviam reunido, veio-me à cabeça dizer apenas: a guerra é uma loucura! Tinha diante dos olhos uma demonstração plástica, de evidência brutal. Enquanto Deus avança com a sua criação e chama todos nós a colaborar na sua obra, a guerra destrói tudo. Até aquilo que Deus criou de mais belo: o ser humano. Transtorna tudo, até a ligação entre os irmãos. A guerra é loucura, e o seu louco plano de desenvolvimento é a destruição. Acima da entrada daquele cemitério, esvoaçava a divisa escarninha de todas as guerras: «O que me importa a mim?» É a resposta de Caim a Deus: «Por acaso sou eu o guarda do meu irmão?» (*Gn* 4,9). Uma resposta que não olha de frente para ninguém: velhos, crianças, mães, pais...

Naquele dia, chorei em Redipuglia. E a mesma coisa me aconteceria em Anzio, em 2017, ao celebrar pelos mortos de todas as guerras no cemitério americano de Nettuno e caminhando através de uma extensão infindável de cruzeiras brancas. Cruzeiras muito semelhantes às que foram solenizadas na Normandia dois anos depois, aquando do 75.º aniversário do desembarque: milhares de soldados caídos num único dia na luta contra a barbárie nazi e um número ainda maior de vítimas civis. Sem esquecer os dez mil soldados que, do lado alemão, combateram e morreram em obediência a um regime animado por uma ideologia assassina. Todas as pessoas que repousavam sob aquelas lápides também tinham os seus projetos, os seus sonhos, os seus talentos para fazer florir e dar frutos, mas a humanidade disse-lhes simplesmente: «O que me importa a mim?»

Hoje em dia, acontece o mesmo, por novos e velhos interesses, loucos planos geopolíticos, avidez de dinheiro e de poder. Também hoje, os planejadores do terror, os organizadores do conflito, tais como os empresários de armas, esculpiram no coração a mesma frase: «O que me importa a mim?» Uma frase que inquina e instrumentaliza tudo. Até aquilo que temos de mais sagrado. Até Deus. Não existe um deus da guerra: quem faz a guerra é o maligno. Deus é paz. Por isso, no documento acerca da fraternidade humana, assinado nos Emirados Árabes Unidos, em fevereiro de 2019, com o grão-imame de Al-Azhar, Ahmed el-Tayeb, ambos pedimos com energia que «cessassem de instrumentalizar as religiões para incitar ao ódio, à violência, ao extremismo e ao fanatismo cego e deixassem de usar o nome de Deus para justificar atos de homicídio, de exílio, de terrorismo e de opressão». Pedimo-lo «pela nossa fé comum em Deus, que não criou os homens para serem mortos ou para se combaterem, nem para serem torturados ou humilhados na sua vida e na sua existência.

Efetivamente, Deus, o Onnipotente, não tem necessidade de ser defendido por ninguém e não quer que o seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas». Chamar Deus como garante de pecados e crimes é uma das maiores blasfêmias.

É necessário empenharmo-nos de todas as formas para pôr termo à corrida aos armamentos e à preocupante difusão de armas, tanto por parte dos cidadãos como dos Estados, tanto nos contextos de guerra como nas nossas cidades. E especialmente nos países economicamente mais avançados, para a busca de um efêmero consenso ou de um enganador sentido de segurança. Pensar combater o mal com o mal significa inevitavelmente construir o pior. E os líderes políticos que exprimem esta mentalidade, que não sabem dialogar e encarar, que interpretam o seu papel, não com a humildade de quem foi chamado a tecer tramas de convivência, mas com arrogância, não poderão conduzir o seu povo à paz, à justiça e à prosperidade. Em geral, vão empurrá-lo para o abismo, para a ruína.

Após o revés de uma Segunda Guerra Mundial, desde o início do meu pontificado mostraram-se claramente os contornos de uma terceira, combatida «aos pedaços», com crimes, massacres, destruições, com um nível de crueldade assustador, cujas primeiras vítimas são civis, velhos, mulheres e crianças. Parece ser esta a característica fundamental das guerras dos contemporâneos. Se desde sempre quem declara a guerra o faz mandando morrer outros em vez de si, se a guerra se faz «Pelo rei!», mas depois é o vilão que morre nela, foi precisamente a Primeira Guerra Mundial, a guerra dos avós, que representou uma espécie de linha divisória. A partir de então, todos os conflitos, do Médio Oriente aos Balcãs, da Ásia a África, viram a grande maioria das vítimas — precisamente 80% neste início do século XXI — representadas pela população civil. Um enviado de guerra escreveu: «Na guerra contemporânea as chamadas vítimas colaterais são os soldados.»

De quase todos os conflitos dos últimos trinta anos, foi menos difícil sair vivo vestindo uma farda do que uma camisola vermelha de um rapazinho. Os massacrados eram sobretudo, e continuam a ser, os inofensivos: em cada três, um é criança. Aqueles que apenas sofreram a loucura da guerra. Diferente do heroísmo, diferente da retórica: a guerra é apenas vileza e vergonha no máximo grau. Uma vergonha que todos devemos sentir como nossa, pois é um drama quando já não nos envergonhamos de nada.

Aquilo que o meu avô Giovanni e que muitos avós e pais nos ensinaram com o tesouro da sua memória dolorosa é que uma guerra nunca está distante; pelo contrário, está muito próxima, está dentro de cada um de nós: pois cada guerra começa no coração.

Não pode, não deve entrar na cabeça da humanidade a ideia de poder ver homens, mulheres e crianças a afogarem-se impunemente no Mediterrâneo, uma vez mais e depois ainda outra. Não pode prevalecer a ideia de que os problemas e as dificuldades se enfrentam construindo muros. Não apenas muros metafóricos, mas de alvenaria, por vezes, até com barreiras de arame farpado e lâminas cortantes como facas. Quando mos mostraram, fiquei desconcertado e comovido, era uma imagem que não conseguia aceitar. Quando fiquei sozinho, uma vez mais, os meus olhos cobriram-se de lágrimas.

Apenas quem constrói pontes poderá avançar: os construtores de muros acabarão aprisionados pelos muros que eles próprios ergueram. Em primeiro lugar, o seu coração ficará armadilhado.

Porém, o coração do homem é também o primeiro passo de qualquer caminho de pacificação. Alguém poderá dizer: «Ah! Senhor DEUS, eu não sei falar, pois ainda sou um jovem» (*Jr* 1,6). Não sei como se constrói a paz, não estudei, não sou uma pessoa culta, não sou um chefe de Estado, sou ainda um

rapaz ou sou já demasiado velho... Além disso, o mundo é demasiado grande, demasiado complicado, demasiado longe... Porém, a tua casa não está muito longe, o teu bairro, o teu local de trabalho ou a tua escola, pois também a prepotência e a intimidação são uma semente de agressão e de guerra. Os teus irmãos e as tuas irmãs nunca estão demasiado longe. É mesmo Jesus que nos diz no Evangelho qual deve ser a nossa atitude: «eu te louvo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, pois escondeste estas coisas aos sábios e aos doutos e as revelaste aos pequenos» (Mt 11,25). Sejamos pequenos, sejamos humildes, sejamos servidores dos outros. Cultivemos a magnanimidade, a doçura e a humildade: são as atitudes simples, as pequenas coisas indicadas por São Paulo a uma comunidade cristã das origens, a de Éfeso (Ef 4,1-6), para construir a paz e consolidar a unidade no mundo, na sociedade humana. É um ensinamento sempre eficaz, ainda hoje em dia.

Se queremos obter a capacidade de compreender de que modo se faz a paz, e a força de a fazer, tornemo-nos todos pequenos.

Como um menino de mãos dadas com o avô.

«Uma autobiografia não é a nossa literatura privada, é mais o nosso saco de viagem. E a memória não é apenas o que recordamos, mas o que nos circunda. Não fala unicamente do que foi, mas do que será. Parece que foi ontem, mas afinal é amanhã. Tudo nasce para florir numa eterna primavera. No final, diremos apenas: não recordo nada em que Tu não estejas.»

*Franciscus*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

  [penguinlifestylept](https://www.instagram.com/penguinlifestylept)  
 [penguinlivros](https://twitter.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-343-0



9 789895 893430